

Inovação garante crescimento para a Stihl

Neste ano, a Stihl investe R\$ 150 milhões na sua linha de desenvolvimento de novos produtos e tecnologias em sua unidade, em São Leopoldo, também no Vale do Sinos. De acordo com o vice-presidente de operações da empresa, Arno Tomasini, em 2025 a Stihl já lançou 23 novos produtos no mercado brasileiro, e a perspectiva é de crescimento de 25% no faturamento da unidade gaúcha.

“Toda a nossa produção é voltada a soluções mais eficientes e com menor impacto

ambiental. Nosso objetivo é oferecermos produtos cada vez mais eficientes e produtivos para atendermos às mais variadas necessidades dos nossos clientes”, explica.

A empresa mantém parcerias com hubs tecnológicos gaúchos, no entanto, Tomasini destaca a necessidade de maiores avanços regionais para que se possa ter competitividade em relação à tecnologia de ponta aplicada no mundo.

“Temos um papel importante nessa busca de evolução

entre os hubs e centros tecnológicos regionais, por isso, temos participado de diversos eventos de inovação e também promovemos internamente, como o Fórum de Inovação Stihl 4.0. Estreitar distâncias tecnológicas, pensando regionalmente, é fundamental”, avalia o diretor.

A linha de produtos da Stihl responde por 60% das exportações de São Leopoldo, que foi o 11º município gaúcho em negócios com o exterior entre janeiro e setembro.



Em 2025, a Stihl já lançou 23 novos produtos no mercado brasileiro

Região concentra polo de maquinário agrícola com tecnologia local



Mahindra avança na linha OJA, que é o modelo global da montadora

A produção rural não é exatamente um destaque do Vale do Sinos, no entanto, a região concentra boa parte da produção de maquinário e implementos agrícolas. É o que acontece em Dois Irmãos, onde a indiana Mahindra produz tratores há nove anos e prepara a construção de uma nova planta industrial, com investimento de R\$ 100 milhões.

“A nossa opção por seguirmos em Dois Irmãos nessa ampliação da produção leva em conta a expertise que desenvolvemos aqui, no desenvolvimento de produtos e da nossa cadeia de produção e logística. Temos que ter 50% dos componentes dos nossos produtos locais, com o restante trazido da Índia, e isso beneficia muito esse desenvolvimento”, explica o CEO da Mahindra no Brasil, Jak Torretta Júnior.

Foi desenvolvido na fábrica de Dois Irmãos um trator mais estreito, adequado às lavouras de frutas e cafés. O modelo 6075E sequer existe nas linhas de produção na Índia. “É um importante exemplo do que a nossa engenharia tem desenvolvido. Com a ampliação, está entre as nossas metas aproximarmos mais o desenvolvimento de conhecimento às universidades da

região”, comenta o executivo.

A unidade no Vale do Sinos produz atualmente 13 modelos, que têm a montagem compartilhada com empresas parceiras. Na nova unidade, que partirá de 38,5 mil metros quadrados, com previsão de expansão de outros 24 mil metros quadrados, toda a montagem será concentrada na mesma planta industrial. A produção vai saltar de 3 mil para 9 mil veículos por ano, também triplicando o número de funcionários, que passará a 300.

Além dos tratores tradicionais, a fábrica avança na linha de serviços, como retroescavadeiras, e a linha OJA, que é o modelo global da montadora. A unidade gaúcha já é a segunda maior exportadora da Mahindra fora da Índia, e desde outubro é considerada a referência na América do Sul para a montadora.

Outro polo de fabricantes de máquinas no Vale do Sinos fica em Canoas, onde a AGCO tem a sua unidade de tratores Massey Ferguson. Já a John Deere tem na cidade a PLA, que produz pulverizadores, e teve anunciadas obras para erguer uma fábrica na cidade. A multinacional, no entanto, não divulgou detalhes sobre a evolução do projeto.

O agro do amanhã é desenvolvido aqui

O nosso trabalho de pesquisa e desenvolvimento é para encontrar “o produto de depois de amanhã”. Aquele que ainda não está entre as soluções imaginadas pelo setor produtivo, mas que o colocará na dianteira do desenvolvimento de tecnologias, especialmente para o agro, no futuro. A definição é do cientista-chefe do Centro de Excelência em Sistemas Embarcados para Agricultura Digital (Center for Embedded Devices and Research in Digital Agriculture, em inglês, o Cedra), Carlos Eduardo Pereira.

“Nós temos uma oportunidade de desenvolver novas tecnologias para o agro, que podem servir para toda a arquitetura de produção. O modelo deste centro tem empresas como parceiras para o desenvolvimento tecnológico, de recursos humanos e de startups, mas para que essas empresas, e o Brasil, não sejam vítimas de tecnologias já existentes. Claro que olhamos para soluções atuais, mas principalmente olhamos adiante, e nenhuma empresa aposta sozinha, por isso um centro de competência, com a formação de deep techs e startups que atuem em lacunas tecnológicas”, explica o gerente executivo de tecnologia e inovação do Sistema Fiergs, Victor Gomes.

Sim, na macrorregião mais urbana do Estado, a inovação também tem o setor agropecuário como um dos pilares das estratégias de inovação. O Cedra é uma iniciativa inédita entre programas desenvolvidos pela Embrapii. Faz parte de um seleto grupo de 10 centros de excelência que seguem modelos de referência internacional – dedicados a tecnologias ainda não existentes –, como os dos Estados Unidos e da China.

De acordo com o presidente da Fiergs, Claudio Bier, o Cedra está alinhado ao objetivo da entidade, de oferecer para a indústria novas tecnologias e mais competitividade. “Atualmente, somos grandes exportadores de grãos. Com o Cedra, desenvolveremos competências tecnológicas, seremos referência na agricultura mundial. Queremos ser celeiro de soluções tecnológicas digitais para o agro”, resume Bier.

A implantação começou no ano passado, aproveitando a estrutura do Instituto Senai de Inovação em Sistemas de Sensoriamento, resultado de uma parceria entre o Sistema Fiergs e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii). E até 2027, deve ganhar mais uma estrutura, em um edifício de cinco andares na área da Fiergs, em Porto Alegre. Tem a sua atuação, com um modelo de inovação aberta, voltada ao desenvolvimento de hardware para a agricultura digital.

De acordo com Gomes, São Leopoldo concentrará muita estrutura de laboratórios, enquanto Porto Alegre será uma

extensão, com estrutura para formação de pessoas e desenvolvimento de startups. E já são pensados outros polos em Passo Fundo, Pelotas, São Paulo e outros lugares do Brasil com laboratórios credenciados.

E logo nesta fase de montagem, a iniciativa já se mostra diferenciada. “Estamos trazendo cientistas do Paquistão, da Colômbia, atuando em parceria com universidades e outros centros tecnológicos. Temos o diferencial de sermos uma federação industrial, que dialoga diretamente com o setor produtivo e aproxima a pesquisa desse ambiente com muita facilidade”, define Gomes.

Segundo ele, já são 12 empresas parceiras, 18 startups de base tecnológica e 48 profissionais em contratação pelo Cedra. “A ideia é derivar este conhecimento para a molecada de 14 e 15 anos, para eles perceberem que a formação tecnológica é interessante, que é legal trabalhar com conhecimento. Atrair e formar novos talentos nos diversos centros tecnológicos do Senai é um dos nossos objetivos”, comenta Gomes.



Cedra usa estrutura de instituto do Senai em São Leopoldo